

Intenções Equivocadas – Resistindo ao AFRICOM

Capitão Moussa Diop Mboup, Exército Senegalese,
Michael Mihalka, Pd. D., e
Major Douglas Lathrop, Exército dos EUA, Reformado

“Eu creio que, de alguma forma, nós provavelmente, não fizemos o trabalho necessário para ganhar o apoio para o AFRICOM.”

—Secretário de Defesa Robert Gates, 13 de junho de 2008¹

A ÁFRICA AUMENTOU DRASTICAMENTE de importância durante a administração do presidente George W. Bush. O presidente expressou a mudança estratégica em termos inequívocos: “A África está se tornando cada vez mais importante e vital para os nossos interesses estratégicos. Temos visto que acontecimentos no outro lado do mundo podem ter um impacto direto na nossa própria segurança.” Bush mais do que quadruplicou o auxílio enviado à África. Ele lançou um bom número de programas de auxílio à África, incluindo o *Millennium Challenge Account* (Conta do Desafio Milenar), o Plano de Emergência do ppara Assistência à AIDS, o *África Education Initiative* (Iniciativa de Educação para a África), o *Malaria Initiative* (Iniciativa do Presidente contra a Malária), a *Congo Basin Forest Partnership* (Parceria da Floresta da Bacia do Congo) e a *Initiative to End Hunger in Africa* (Iniciativa para Terminar com a Fome na África).

No lado militar, sua maior realização foi o estabelecimento de um novo comando militar, o Comando da África — AFRICOM (*Africa*

Command — AFRICOM), o qual adota um novo estilo de interação, compreendendo uma gama de assuntos que vai desde terrorismo até AIDS. Todavia, os africanos encaram o AFRICOM com ceticismo e suspeita.

A reação da imprensa ao AFRICOM por toda a África foi tenaz. Em Johannesburgo, o periódico *Business Daily* protestou: “O estabelecimento de uma base militar americana estratégica e geopolítica no continente agravará muitos dos problemas atuais da África.”² O *Le Reporter* de Argel disse: “Os países africanos deveriam despertar após verem as cicatrizes dos outros (Iraque e Afeganistão).”³ E Duleu Mbachu, um jornalista nigeriano, lamentou: “A exagerada presença militar dos EUA na África pode simplesmente servir para proteger regimes não populares que sejam amigáveis aos interesses americanos, como aconteceu durante a Guerra Fria, enquanto a África mergulhava cada vez mais na pobreza.”⁴ Os meios africanos, em geral, também reagiram com muita negatividade, vendo o AFRICOM como um trampolim para facilitar a exploração do continente pelos EUA e interferir nos seus assuntos internos.⁵

Muitos oficiais africanos não têm tido nada melhor a dizer. Abdullahi Alzubedi, o embaixador da Líbia para a África do Sul, declarou a um jornalista:

O capitão Moussa Diop Mboup é oficial encarregado de assuntos regionais das operações de paz na Defesa Geral do Estado-Maior das Forças Armadas Senegalesas, Divisão de Organização e Treinamento, Dakar. Ele recebeu seu Mestrado em relações internacionais pela Webster University de Missouri e o Mestrado de Artes Militares e Ciência pela Escola de Comando e Estado-Maior dos EUA.

Michael Mihalka, Ph.D., é atualmente professor na Escola de Estudos Militares Avançados. Ele tem palestrado em universidades na Ucrânia,

Hungria, Eslováquia e Romênia. Dr. Mihalka recebeu o seu Ph. D. em Ciência Política pela Michigan University

O major Douglas Lathrop, Exército dos EUA, reformado, passou a maior parte de sua carreira como oficial na área de serviço no exterior. O Sr. Lathrop é instrutor para a Centro de Ensino de Comando e Estado-Maior Maior do Exército dos EUA. É bacharel pela Western Michigan University e pela University of Saint Mary, e possui um Mestrado em em Assuntos de Segurança Nacional e Estudos Africanos da Escola Naval de Pós-Graduação.



(Foto AP: Rebecca Blackwell)

Trabalhadores senegaleses se preparam para a chegada do USS Fort McHenry no porto de Dakar, Senegal, em 5 de novembro de 2007. Africanos temem que os EUA possuam intenções veladas, destorcidas pela guerra contra o terrorismo e pela disputa de autointeresse por recursos.

Como pode, os EUA, dividir o mundo entre seus próprios comandos militares? Não é essa a função das Nações Unidas? O que aconteceria se a China também decidisse criar o seu comando da África? Não levaria isso a um conflito no continente?⁶

Somente pequenos países africanos, como a Libéria, mostraram algum entusiasmo pelo projeto, em parte porque acreditam que os EUA servirão como um efetivo contrapeso as hegemonias regionais locais.⁷

De fato, os detentores desse poder hegemônico, em particular a Nigéria, África do Sul, Argélia e Líbia, foram críticos estrondosos no início. Existe um bom número de razões para que os africanos resistam à presença do AFRICOM, e elas variam de região para região, porém quatro delas se destacam.

A Elevada Influência da China

A elevada influência da China se apresenta às nações africanas como uma alternativa que, pelo menos a curto prazo, é de muitas formas bem mais atraente. Isso tem uma importância tremenda para a política dos EUA na África. O continente africano se tornou um dos campos de batalha-chave na iminente “Guerra Fria” entre os Estados Unidos

e a China. Dessa forma, a resistência contra um engajamento americano elevado no continente é um símbolo e um sinal precoce de uma luta emergente sobre zonas de influência. Nessa luta, a estratégia de guerra pragmática, oportunista e política da China está vencendo o primeiro round (A China seguiu uma estratégia militarmente bem sucedida na Ásia Central).⁸

A Rússia também pode se tornar um participante. A Gazprom, a companhia de gás Russa, está competindo para assumir o poder dos campos de gás abandonados pela Royal Dutch Shell na Nigéria.⁹ Diversas firmas chinesas também expressaram interesse nos campos em Ogoniland que contém reservas de gás estimadas em 10 trilhões de metros cúbicos.

Os africanos, e a maior parte dos jornalistas, julgam haver falta de sinceridade nas alegações dos EUA de que o AFRICOM não tem nada a ver com a China. Uma das primeiras perguntas feitas à assistente do secretário da defesa para políticas na África, Theresa Whelan, em junho de 2008, foi: “Porque a China está ausente da sua sessão informativa?” Ela respondeu:

Estão ausentes por uma simples razão: porque isso não é sobre a China. Todo o mundo parece querer que seja sobre a China e talvez seja um pouco de nostalgia pela Guerra Fria, eu não sei. Mas não é sobre a China. É sobre os interesses de segurança dos EUA na África no contexto de segurança global. A China, sim, tem se tornado bem mais engajada na África, ambos — por razões primariamente econômicas. Eles também têm interesses nos mercados africanos, e isso é normal. Os EUA não estão preocupados com a competição econômica da China. O que quero dizer é que somos uma nação capitalista. Fomos criados no princípio de competição e, dessa forma, isso não é, realmente, um problema para nós.¹⁰

Os africanos simplesmente não acreditam nisso, e muitos americanos também não.

Um briefing circulando pela África registra quatro pontos comuns nos motivos dos EUA

pelo AFRICOM: Os recursos naturais da África, a debilidade da democracia, a elevada presença da China, e o terrorismo.¹¹ Outros analistas dizem diretamente: “O Pentágono alega que o AFRICOM visa a integração, a coordenação e ‘edificação da capacidade dos parceiros.’ No entanto a nova estrutura é, realmente, para assegurar reservas petrolíferas, fazer oposição ao terrorismo e diminuir a influência chinesa.”¹²

A elevada influência da China se apresenta às nações africanas como uma alternativa que, pelo menos a curto prazo, é de muitas formas bem mais atraente.

A Estratégia Antiterrorista Americana

O continente africano não é insensível ao recuo da estratégia antiterrorista americana. A estratégia antiterrorista deixou as nações africanas convencidas de que há egocentrismo nas preocupações de segurança dos EUA na África. A Guerra ao Terrorismo se tornou uma situação política delicada para algumas nações africanas, especialmente aquelas que contam com uma parcela significativa de população muçulmana e que, por isso, temem os seus efeitos radicais e desestabilizadores. Além disso, grupos civis africanos, ativistas de direitos humanos e partidos de oposição política, condenam vigorosamente seus impactos negativos nas liberdades civis e reformas democráticas. Algumas organizações não-governamentais acreditam que a presença de forças militares dos EUA em solo africano terá um efeito oposto ao almejado pelo AFRICOM. O AFRICOM foi planejado para trazer estabilidade à África, mas somente serve aos interesses dos EUA. Muitos africanos acreditam que o AFRICOM, na verdade, desestabilizará o continente e colocará os parceiros dos EUA na África em risco. Com toda a conversa de ser um engajamento novo e inovador, o AFRICOM pode simplesmente servir

para proteger regimes não populares, que sejam amigáveis aos interesses dos EUA, enquanto a África se afunda cada vez mais na pobreza.¹³

Países africanos e organizações regionais possuem opiniões similares. A Comunidade de Desenvolvimento Sul Africana (*South African Development Community — SADC*), a qual representa 14 países meridionais africanos, declarou que nenhum de seus membros hospedaria o AFRICOM. O ministro da Defesa Sul Africana, Mosiuoa Lekota, disse:

Na reunião do comitê de defesa e segurança interestadual, em Dar Es Salaam, os ministros de defesa e segurança do SADC chegaram a uma deliberação e recomendaram que países irmãos da região não deveriam concordar em hospedar o AFRICOM — em particular, não hospedar forças armadas [dos EUA.]¹⁴

Ele ainda acrescentou que todos os 53 membros da União Africana não deveriam, igualmente, hospedar as Forças Armadas dos EUA e, mais, advertiu que, se o fizerem, os “outros países irmãos poderão se recusar a cooperar com eles também em outras áreas.”

Em uma análise de 2007, os Estudos Estratégicos da Escola de Guerra do Exército dos EUA, concluiu que os esforços de contraterrorismo dos EUA na África têm sido contraproducentes desde 2001:

Essas tentativas — contra insurgentes algerianos ao Norte da África e um grupo de islamitas na Somália — apesar de serem bem sucedidas taticamente, em muitos casos não beneficiaram os interesses de segurança norte-americanos nem estabilizaram eventos em suas respectivas regiões. Esse fracasso pode ser creditado, em parte, aos prováveis erros de planejamento quanto à execução da Guerra Global Contra o Terrorismo na África. Os Estados Unidos têm baseado as suas iniciativas de contraterrorismo na África, desde 11 de Setembro, em uma política de “agrupamento,” nas quais insurgências localizadas e desiguais tem sido amalgamadas como um assustador, porém artificialmente monolítico todo. Análises equivocadas com respeito à considerável população muçulmana da África, a sua esmagadora pobreza, além de seus numerosos espaços desgovernados

e falidos, contribuem também para uma imagem distorcida da ameaça terrorista emanando do continente.¹⁵

Em outras palavras, o contraterrorismo na África começou a replicar o anticomunismo durante a Guerra Fria. O Al-Qaeda se tornou o bicho-papão moderno, comandando tentativas dispersas e desiguais quando muitos dos problemas são locais. Os EUA ainda não aprenderam a lição do fiasco da Guerra do Vietnã.

Aparência de Irrelevância

O AFRICOM pode ter se tornado irrelevante aos olhos dos líderes africanos, que teriam apreciado uma sólida e concreta assistência de segurança dos Estados Unidos. De um modo inegável, a segurança permanece uma alta preocupação na África e poderia ter se tornado uma formidável ficha de barganha, bem mais confiável, por causa do significado das forças militares mais poderosas do mundo. No entanto, colocando à frente uma agenda humanitária e de democratização inconcebível desperdiçou a influência. O resultado fomentou suspeita, descrença e preocupações sobre a militarização da diplomacia americana. Embora o AFRICOM aponte com orgulho a sua estrutura de interagência, líderes africanos o observam

A estratégia antiterrorista deixou as nações africanas convencidas de que há egocentrismo nas preocupações de segurança dos EUA na África.

com suspeita. Que líder africano acolheria uma organização militar para lhe ensinar democracia e bom governo?

Um analista acredita que a combinação do idealismo democrático com forças militares serviu apenas para promover o pior em ambos os lados — nem democracia e nem segurança:

Ao invés de uma visão nítida, os oficiais dos EUA criaram uma imagem confusa,

de uma organização que, aparentemente, procura misturar desenvolvimento econômico e administração de governo (outrora responsabilidade de agências civis) com atividades militares. Os africanos, dada a tradição de golpes militares que muitas vezes atormentaram o continente, tendem a encarar essa militarização de espaço civil com grande temor.¹⁶

Outro analista tem uma opinião similar: As forças militares não podem criar as condições sob as quais a democracia poderia crescer e prosperar. Muito foi feito em nome da democracia que resultou em desestabilização e destruição do país anfitrião. E isso é um processo que não pode ser facilmente revertido.¹⁷

A Estratégia Bilateral Inicial do AFRICOM

A estratégia bilateral inicial do AFRICOM tem impedido que o mesmo ganhe aceitação. Uma avaliação mais abrangente do ambiente diplomático atual no continente africano teria levado os seus arquitetos a identificar dois elementos essenciais. O primeiro é o empenho do continente em promover integração e sua preferência por mecanismos de segurança coletiva para tratar a sua instabilidade. O segundo, e talvez o elemento mais crucial, é que a orientação da segurança é influenciada pelos seus costumes ou condição militar — África do Sul, Nigéria e de certa forma Líbia — todos os quais são unânimes na ação de tentar frustrar interferências não africanas. A África do Sul, a Nigéria e a Líbia expressaram a oposição mais radical contra o AFRICOM em suas “áreas de influência.” Uma estratégia bem melhor teria sido abrir um diálogo inicial com as estruturas regionais do continente e engajá-los diretamente.

Temos de admitir que, em face de uma resistência quase unânime, o AFRICOM começou a abrandar algumas das suas características mais inovadoras. A imprensa divulgou especulações de que todos os países que os comandantes do AFRICOM visitam, em viagens ao continente, servirão como sede, porém o AFRICOM nega essa alegação.

Por exemplo, quando o chefe do AFRICOM, general William E. Ward visitou a Uganda em abril de 2008, o chefe de informação pública

do AFRICOM disse, “Nós não temos interesse em criar mais bases na África e particularmente na Uganda.”¹⁸ Marrocos, Argélia e Líbia se recusaram a permitir uma base militar em seu território.¹⁹ Além disso, o AFRICOM diminuiu suas atividades, especialmente em assistência humanitária e de interagência. Um analista recentemente comentou, “Eles estão retrocedendo significativamente em interagência. O que eles estão dizendo agora é que proporcionarão programas militares de uma forma mais eficiente e efetiva.”²⁰

Essa mudança produziu alguns frutos. O governo da Nigéria começou a suavizar o seu tom com respeito ao AFRICOM. Quando questionado sobre o comando militar, o presidente nigeriano produziu uma resposta obscura, porém notou que o AFRICOM era sobre assistência militar tradicional. O Ministro de Relações Exteriores da Nigéria falou sobre o “AFRICOM 2,” indicando que a Nigéria preferiria muito mais um AFRICOM que combatesse o terrorismo e melhorasse a capacidade dos soldados africanos do que o velho “AFRICOM 1,” através do qual os Estados Unidos interferiram no continente sem consultar os governos locais.²¹ Além disso, disse que isso aumentaria as chances da Nigéria de obter um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O general Ward tem se esforçado muito para refutar o silêncio inicial. Por exemplo, o presidente Festus Mogae, da República de Botsuana, recentemente sancionou o AFRICOM.²² Um comentarista ganês viu o seu país como o “perfeito anfitrião” para o AFRICOM.²³ Mesmo assim, os três maiores — Líbia, Nigéria e África do Sul — ainda observam o AFRICOM com suspeita. A notícia de que o presidente Barack Obama planejava visitar a Nigéria foi interpretada como tendo por alvo, entre outros motivos, a resistência da Nigéria ao AFRICOM.²⁴

Mary Yates, que na época era a subsecretaria do comandante para assuntos civis-militares no AFRICOM, admitiu que o AFRICOM “não foi muito bem apresentado. E você sabe, que quando se trabalha na África, a consulta é uma coisa muito importante. É bom que você vá, preste atenção e tome umas 10 xícaras de chá. E isso provavelmente não aconteceu.”²⁵

Um Fracasso nas Relações Públicas?

Alguns analistas têm debatido e concluído que relações públicas medíocres contribuíram significativamente para com a resistência inicial ao AFRICOM. Brett Schaeffer da Heritage Foundation alega:

Os EUA, ao se mostrarem hesitantes em anunciar os detalhes, permitiram que o povo preenchesse esse espaço em branco com teorias de conspiração, sem nenhuma base que levasse a essas conclusões.... Tudo que os EUA devem fazer agora é explicar claramente o papel que veem para o AFRICOM — o qual eu vejo como muito positivo.²⁶

Todavia, nem mesmo as mais intensas relações públicas irão convencer o poder hegemônico de que o renovado interesse dos



Departamento de Defesa dos EUA, Sargento, Jeremy T. Lock

General William E. Ward do Exército dos EUA, comandante do Comando do EUA da África, fala com o coronel Sam Kavuma das Forças de Defesa do Povo da Uganda durante uma visita no distrito de Gulu, Uganda, em 10 de abril de 2008.

EUA na África não resultará em ações que possam opor-se aos seus interesses. Nada convencerá os africanos de que o AFRICOM não é para fazer oposição aos chineses (ou aos índios ou aos russos). Eles veem, entretanto outra versão do “*Great Scramble*.”²⁷ Pior ainda, eles veem a retórica do idealismo democrático como uma versão moderna do “fardo do homem branco,” ou missão civilizadora. O governo atual dos EUA pode ter esquecido a retórica degradante do século XIX, mas os africanos certamente não. Alguns deles comparam a reunião do G8, em 2006, que promoveu esse recente interesse na África, à conferência de Berlim, no século XIX, que mutilou o continente. Também nenhum africano assistiu à conferência.

Recomendações de Estratégia

Para corrigir os passos errados iniciais, o plano estratégico inicial e a estratégia de comunicação do AFRICOM deveria pensar em promover os seguintes pontos:

- Reformular a estratégia dos EUA com relação à África, de uma forma mais abrangente, coerente, consistente e bem definida. A orientação deveria reconhecer o novo significado da África para os EUA e promover o estímulo político necessário para a mobilização de recursos voltados ao desenvolvimento de uma burocracia dedicada.

- Estabelecer um esquema de colaboração formal envolvendo o AFRICOM, a União Africana e as Comunidades Econômicas Regionais, incluindo planejamento conjunto e estruturas de coordenação. O reconhecimento formal do AFRICOM pelo Conselho Executivo da União Africana e suas extensões regionais se constituiria em um marco importantíssimo. Consequentemente, o AFRICOM deveria renunciar a sua habitual estratégia bilateral e se concentrar na colaboração com as instituições continentais.

- Elaborar, conjuntamente, a estratégia do AFRICOM com os mecanismos de segurança coletivos do continente, tais como a “União da Paz Africana e Conselho de Segurança” e os conselhos econômicos regionais para prevenção, gerenciamento e resolução de conflitos. Negociar acordos com essas estruturas.

- Redefinir o conceito do AFRICOM e fazer convergir a orientação para os assuntos de segurança. Manter a agenda humanitária, civil e de libertação, sob os auspícios do

O AFRICOM pode ter se tornado irrelevante aos olhos dos líderes Africanos, que teriam apreciado uma sólida e concreta assistência de segurança dos Estados Unidos.

Departamento de Estado e da Agência dos EUA para Desenvolvimento Internacional, os quais têm demonstrado sua eficácia nesse sentido e tem a confiança dos africanos no nível da comunidade local. Isso também aplacaria grandemente a preocupação dos líderes africanos com a política de militarização dos EUA na África.

- Fortificar o programa de segurança e demonstrar o interesse dos EUA em fornecer apoio logístico e de Inteligência para dar suporte às operações de paz da União Africana. Dependendo das circunstâncias, especialmente no contexto de missões do tipo do Capítulo VII, o apoio do AFRICOM a essas missões poderia prover mais apoio aéreo (transporte e apoio aéreo aproximado). “A declaração da missão do comando indica que está sendo adotada uma postura mais voltada à segurança, enfatizando “o engajamento de segurança constante por meio de programas conjuntos de forças militares” e “outras operações, também militares, conforme requeridas, para promover um ambiente africano estável e seguro de apoio à política exterior dos EUA.” O AFRICOM deveria acentuar essa reorientação e consolidá-la através de mecanismos de segurança negociados e planejamento combinado.

- Aproveitar a oportunidade ensejada pela atual promoção da UNAMID (Missão das Uniões Africanas em Darfur — *African Union Missions*

in Darfur) para expor a decisão dos EUA em dar amparo às iniciativas de paz no continente por meio de apoio logístico e de inteligência.

• Dar apoio ao treinamento do AFRICOM, em termos multilaterais, por meio da Força Africana de Prontidão (*African Standby Force*) e suas brigadas regionais e prover exercícios no nível de batalhão e brigada, exercícios de posto de comando e treinamento de centro de paz em cada região apoiados pelos EUA. O Centro de Treinamento de Paz Internacional Kofi Annan (*Kofi Annan International Peace Training Center*) poderia servir como um interessante laboratório para esse conceito. O AFRICOM poderia ajudar no aumento da capacidade do centro com fundos, equipamento e instrutores.

Recomendações de Comunicação Estratégica

As recomendações para relações, que poderiam propiciar um diálogo mais construtivo, são as seguintes:

• Comprometer os líderes políticos africanos com as finalidades atuais do AFRICOM para eliminar suas percepções negativas contra o comando. Nesse aspecto, um documento de estratégia abrangente, emitido ao nível político, seria útil para esclarecer os objetivos estratégicos dos EUA. Há poucas dúvidas de que as nações africanas entenderiam e poderiam, mesmo, aceitar o direito legítimo dos EUA de aspirar seus interesses globais.

• Abrir um diálogo com a sociedade civil africana, esclarecendo os objetivos do comando e ressaltando seus benefícios para a segurança e estabilidade do continente.

• Suavizar a narrativa antiterrorista e mudá-la, mencionando os principais problemas de segurança africanos. Restaurar a centralização dos problemas de segurança da África na agenda do AFRICOM.

• Lançar uma campanha na imprensa, por todo o continente, para promover e enfatizar a natureza benevolente do AFRICOM e sua agenda de assistência. **MR**

REFERÊNCIAS

1. "U.S. fails to find an African home for its new African Command," World Tribune, 13 de junho de 2008. Disponível em: <www.worldtribune.com/worldtribune/WTARC/2008/ss_military0236_06_13.asp> (16 de Junho de 2008).
2. RUITERS, Michele, "Why U.S.'s AFRICOM Will Hurt Africa," Business Day (Johannesburg), 14 de fevereiro de 200, disponível em <<http://allafrica.com/stories/200702140349.html>> (25 de maio de 2008).
3. "Africa Command: Opportunity for Enhanced Engagement for the Militarization of U.S.-Africa Relations?" Declaração de Dr. Wafula Okumu, Washington, DC, The House of Representatives, Committee on Foreign Affairs, Subcommittee on Africa and Global Health, 110th Congress, First Session, 2 de agosto de 2007, p.45.
4. HALLINAN, Conn "Into Africa," Foreign Policy in Focus, 15 de Março de 2007, disponível em: <www.fpiif.org/fpifxt/4079> (25 de maio de 2008).
5. LIEBHARDT, John "The groundswell of opposition to AFRICOM from African bloggers," disponível em: <www.globalvoicesonline.org/2008/02/24/african-bloggers-the-groundswell-of-opposition-to-AFRICOM/> (28 de maio de 2008).
6. BAKER, Deane-Peter "The Americans are Already Here," Institute for Security Studies (Pretoria), 16 de agosto de 2007. Disponível em: <www.iss.co.za/index.php?link_id=31&mlink_id=4874&link_type=12&mlink_type=12&tmpl_id=3> (25 de maio de 2008).
7. TAIWO, Juliana "Africa: Liberia Wants AFRICOM Sited on Continent," This Day (Lagos), 6 de novembro de 2007, disponível em: <<http://allafrica.com/stories/200711060775.html>> (17 de junho de 2008).
8. MIHALKA, Michael "Not Much of a Game: Security Dynamics in Central Asia," China and Eurasia Forum Quarterly 5, no. 2: (2007).
9. AMANZE-NWACHUKU, Chika and IRIEKPEN, Davidson "Nigeria: Russian, Chinese Oil Firms Jostle for Ogoni," This Day (Lagos), 16 de junho de 2008, disponível em: <<http://allafrica.com/stories/200806160005.html>> (17 de junho de 2008).
10. "Pentagon Africa Policy Chief Whelan Describes U.S. Objectives for Africa Command," Transcript, 18 de fevereiro de 2008, disponível em: <www.africom.mil/getArticle.asp?art=1663> (18 de junho de 2008).
11. REVERON, Derek S. Associate Professor of National Security Affairs at the U.S. Naval War College, Briefing, 19 July 2007, disponível em: <<http://afriaccommand.org/Documents/AFRICOMJuly19.pdf>> (18 de junho de 2008).
12. VOLMAN, Daniel and TUCKEY, Beth "Militarizing Africa (Again)," Foreign Policy In Focus, 21 de fevereiro de 2008, disponível em: <www.fpiif.org/fpifxt/4997> (19 de junho de 2008).
13. Resist AFRICOM, disponível em: <http://salsa.democracyinaction.org/o/1552/t/5734/content.jsp?content_KEY=3855> (19 de junho de 2008). Várias ONGs Several NGOs contribuem para esse website.
14. BENTON, Shaun "Africa Opposed to U.S. Command Base—Lekota," BuaNews (Tshwane), 29 de agosto de 2007, disponível em: <<http://allafrica.com/stories/200708290848.html>> (19 de junho de 2008).
15. BERSCHINSKI, Robert G. "Africa's Dilemma: The 'Global War on Terrorism,' 'Capacity Building,' Humanitarianism, and the Future of U.S. Security Policy in Africa," Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, Carlisle Barracks, PA, November 2007, <www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/display.cfm?pubID=827> (19 de junho de 2008).
16. MAKINDA, Samuel "Why AFRICOM Has Not Won Over Africans," Africa Policy Forum, 25 de fevereiro de 2008, disponível em: <<http://forums.csis.org/africa/?p=72>> (19 de junho de 2008).
17. RUITERS.
18. MATSIKO, Grace "Uganda: U.S. Rules Out AFRICOM Base in Country," The Monitor (Kampala), 11 April 2008, disponível em: <<http://allafrica.com/stories/200804110074.html>> (17 de junho de 2008).
19. Ibid.
20. LUBOLD, Gordon "Pentagon scales back AFRICOM ambitions," Christian Science Monitor, 16 de maio de 2008, disponível em: <www.csmonitor.com/2008/0516/p03s03-usmi.html?page=1> (13 de junho de 2008).
21. OLUWOLE, Josiah "Nigeria Backpedals on AFRICOM," The Punch, 28 de maio de 2008.
22. The Botswana Guardian, 15 de maio de 2009.
23. OTCHERE-DARKO, Asare "Obama's Visit: What's in it for us and U.S.?" Disponível em: <Ghanaweb.com>, 25 de maio de 2009.
24. OGUNBAYO: Modupe "Obama Shuns Nigeria," Newswatch [Lagos], 25 de maio de 2009-1 junho de 2009, pp.28-30.
25. "Transcript: Yates Discusses Lessons Learned at U.S. Africa Command," 12 de maio de 2009, disponível em: <www.africom.mil/getArticle.asp?art=3009> (2 de junho de 2009).
26. GORDON, Daniel "The controversy over AFRICOM," BBC News, 3 October 2007, disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7026197.stm>> (17 de junho de 2008).
27. NWAKANMA, Obi "AFRICOM—The Invasion of Africa," Vanguard (Lagos), 18 de novembro de 2007